

Slowacki e Mickiewicz: palavra e ação

Henryk Siewierski

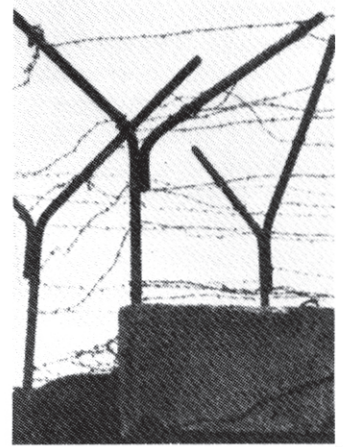
Juliusz Slowacki (1809-1849) nasceu em Krzemieniec, uma cidade na Volynia, famosa por seu liceu, onde o pai do futuro poeta lecionava literatura. O liceu e estudos superiores (direito) terminou em Vilna. Na primavera de 1829 começa a trabalhar no Ministério das Finanças, em Varsóvia. Sua primeira publicação (poema épico *Hugo*) tem data de 1830. Reage com entusiasmo ao levantamento de novembro de 1830, mas logo deixa Varsóvia, dirigindo-se a Dresden, de onde, como enviado do Governo Nacional Polonês, segue para Londres. Após a derrota do levantamento na Polônia, Slowacki decide ficar na emigração, primeiro em Paris, depois em Genebra (1832-1836). Viaja pela Itália, Grécia, Egito e Médio Oriente. Em 1838 fixa definitivamente sua residência em Paris. Seu convívio com os meios da emigração polonesa não era livre de tensões. A rivalidade poética com Mickiewicz e as intrigas de alguns compatriotas dificultaram a aproximação entre esses dois maiores poetas do romantismo polonês. Em julho de 1842, Slowacki aderiu a uma espécie de seita fundada e dirigida por Andrzej Towiański. No fim do ano seguinte abandona esse grupo, motivando a sua decisão como, entre outras coisas, um protesto contra as tendências pró-russas do grupo. Em 1848, já em estado grave de tuberculose, dirige-se a Wielkopolska para participar em novo levante. Colabora com o Comitê Nacional em Poznań. Na volta para a França encontra-se com a sua mãe em Breslau. Em junho do mesmo ano chega a Paris, onde morre em 3 de abril de 1849. Em 1927 seus restos mortais foram trasladados do cemitério Montmartre em Paris para a Catedral Real em Cracóvia.

No espelho da história o mito perde as suas cores. Mas a história sem mito também é pálida. O que é senão o mito que ilumina as trevas do passado? Mas também é o mito que pode obscurecer o presente. Os românticos costumavam juntar o mito com a história, sabendo que são como as duas asas, indispensáveis para uma viagem no passado. Mas ainda mais do que o passado os interessava o futuro e aí já era insuficiente esse meio de transporte. Tanto mais que as ambições dos românticos eram muito maiores do que fazer um turismo no tempo.

Foi a experiência mística que possibilitou a Juliusz Slowacki penetrar na lógica metafísica da história, sentir a sua continuidade, participar na transfiguração do espírito. Mas essa foi a última etapa da vida e criatividade de Slowacki. Antes, ele era namorado apenas do mito e da História, fascinado pelo elemento épico e, sobretudo, dramático.

Na fase inicial, além dos poemas líricos, Slowacki escreveu uma série de romances poéticos, em que se nota uma influência nítida de Byron, mas a própria linguagem brilha e soa numa forma nova.

O romance *Lambro* (1832), último dessa série, é uma espécie de retrato da geração marcada pelo levantamento de 1830 e sua derrota. No prefácio, o poeta diz: “Lambro é um homem à imagem do nosso século, dos seus esforços exânimes; é uma encarnação do escárnio do destino. A sua vida é tão parecida às vidas de tantas pessoas que agora estão morrendo, e sobre as quais os amigos escrevem o que é que elas poderiam ser, e



HENRYK SIEWIERSKI doutorou-se na Universidade de Cracóvia (Polónia) com tese sobre o poeta polonês Cyprian Norwid. É pesquisador visitante com bolsa do CNPq e leciona Teoria Literária na UnB. É vice-presidente da Sociedade Brasileira de Eslavística.

os que não as conheceram dizem que eram coisa nenhuma”.

A outra visão do destino da geração de Slowacki representa *Anhelli* (1838), um poema em prosa, cuja ação se passa na Sibéria, no meio dos poloneses deportados pelas autoridades czaristas. É um meio dividido pelos conflitos, onde se perde a fé e o sentido do sofrimento, onde reina o ódio e o desespero. *Anhelli* é também uma alegoria da emigração polonesa em geral, tão alheia à visão de Mickiewicz, que considerava a emigração como um novo tipo do apostolado. Não é então de espantar que Slowacki não fora bem aceito pela maioria dos seus contemporâneos.

Mas foi em peças teatrais que Slowacki apresentou, numa forma mais completa, os problemas principais da sua época, e onde o passado mítico e histórico se tornava vivo. Não é difícil de descobrir nas peças teatrais de Slowacki as influências do teatro de Calderon de la Barca, Lope de Vega, Dante, a influência da poesia polonesa antiga e sobretudo de Shakespeare, pois a experiência pessoal de Slowacki era marcada em grande parte pelo mundo das leituras. Mas com a sua força de imaginação ele não corre o risco do ecletismo. Na língua polonesa nasce um teatro sem fronteiras, com palco aberto tanto ao real e fantástico, quanto às personagens e criaturas que vivem no teatro universal, e é um teatro fascinado também pela história da Polónia. O shakespeareanismo era para Slowacki um método de conhecer a história e de a apresentar numa forma viva, em que a virtude se encontra com o crime, o grotesco com a ênfase. Slowacki encontra na pré-história e história da Polónia os personagens que podem concorrer – e concorrerem, por exemplo, com seu orgulho e paixão de poder – com os personagens das peças de Shakespeare (*Balladyna*, *Horsztyński*, *Mazepa*, *Lilla Weneda*).

Os problemas relacionados com o poder e crime são presentes em toda a obra de Slowacki, mas, enquanto na fase primeira são colocados no plano ético e psicológico, depois o que interessa mais é a função do mal e do crime na estrutura espiritual do mundo e o seu papel na história (*Lilla Weneda*).

Banco de Dados



Juliusz Slowacki
(1809-1849)

A história mais recente também entra no teatro de Slowacki, como em *Kordian*, um testemunho e análise do levantamento de 1830; *Fantazy*, que contém uma sátira à vida contemporânea polonesa; *Sen srebrny Salomei* (O sonho da Salomé prateada), um drama baseado nos acontecimentos na Ucrânia em 1768, quando a nobreza polonesa foi massacrada pelos camponeses ucranianos; *Ksiadz Marek* (Padre Marek), uma visão da Polónia que está a desaparecer numa das últimas tentativas de salvar a sua independência, antes da partilha final, assim chamada Confederação de Bar, uma campanha militar que em 1768-1772 houve na Ucrânia.

Nessas três últimas peças teatrais nota-se uma influência do teatro de Calderon de la Barca (Slowacki era tradutor do *Principe Perfeito*), assim como de uma metafísica da morte do barroco. Essas obras-primas do teatro polonês transmitem também uma mensagem messiânica: o horror da história é um efeito do “trabalho dos espíritos” que, derrubando as formas anacrônicas, servem ao progresso e, assim, acima do Gólgota e de todo sofrimento, aparece a esperança da ressurreição.

A fama de Mickiewicz como o maior poeta polonês era para Slowacki como um desafio e as relações entre esses dois, sem dúvida

maiores poetas poloneses, não eram livres de tensões. A obra com que Slowacki conseguiu convencer os seus contemporâneos de que a sua poesia não era nada inferior à poesia de Mickiewicz, é um poema épico, cheio de digressões – *Beniowski*. A trama épica é constituída pelas aventuras de um personagem autêntico, de um nobre polono-

húngaro chamado Beniowski, que participou em Confederação de Bar. Depois da derrota dessa Confederação, Beniowski foi deportado para Kamtchatka de onde conseguiu escapar para o Japão, num barco construído junto com alguns companheiros. Do Japão foi para a França para parar logo em Madagascar, onde morreria dirigindo as tribos nativas na guerra contra a França. Mas as aventuras de Beniowski são apenas um pretexto épico para as digressões às quais Slowacki dá maior importância, pintando nelas, com azul, vermelho e dourado, as imagens da Ucrânia, e ajustando as contas com os seus inimigos, de tal forma, que um deles desafiou Slowacki a um duelo.

“Tudo é criado pelo espírito e para o espírito, e nada existe para os fins materiais” – é assim que o poeta responde à pergunta que o mundo físico incessantemente desperta em nós: a pergunta sobre a finalidade das coisas.

A afirmação acima citada vem de *Gênesis do espírito (Genezis z Ducha)*, um tratado poético ou uma oração – como o definiu o próprio autor – escrito em 1844 em Pornic, na costa atlântica. É um texto que constitui um credo filosófico, um alicerce da mística de Slowacki, que – se se acreditar nas suas afirmações – nasceu espontaneamente como um fruto de iluminação. Numa das suas cartas Slowacki confessou que escreveu *Gênesis do espírito* “sem permissão dos meus pensamentos, com os poderes da razão adormecidos”.

Numa meditação diante do oceano, Slowacki fica vendo como, através de milhões de anos, num processo da evolução das formas da vida, trabalha o espírito. Assim a existência não é caótica nem privada do seu fim, mas fica submetida àquela força criativa que deu início aos seres, obrigando-os a mudar constantemente as suas formas, passando das primitivas até as cada vez mais perfeitas. O espírito manifesta-se então através da evolução e transfiguração das formas da natureza, e esse é o processo da sua criatividade.

O aparecimento do homem ainda não significa que esse processo chegou ao seu fim. O trabalho do espírito, desse “eterno revolucionário”, continua agora através da história, até que, após um longo processo, cheio de sofrimento, a humanidade se aproxime do Cristo. Essa teoria não é livre dum certo messianismo, pois o espírito faz de certos indivíduos ou de certas nações um instrumento do seu trabalho. Assim, por exemplo, a Polónia, uma nação purificada pelo sofrimento, foi escolhida – segundo Slowacki – pelo espírito para desempenhar um papel particular na história.

Nessa visão da evolução cósmica, encontram-se a teoria da evolução do estilo de Lamarck, com o espiritualismo e um certo radicalismo social de Slowacki, mas faz lembrar também uma teoria elaborada no nosso século por um jesuíta francês, Teilhard de Chardin.

Król-Duch (Rei-Espírito) é um poema de construção monumental, em que o espírito apresenta sua biografia metempsíquica composta pelas encarnações seguidas em personagens míticas e históricas na Polónia. O Rei-Espírito conta, como narrador, a sua caminhada nos corpos de vários reis, chefes e santos, através dos séculos da história europeia. É uma obra inacabada; durante a vida do autor foi publicada apenas a primeira parte (em 1847). A outra parte tem várias lacunas e é composta principalmente de fragmentos.

A narração do Rei-Espírito começa com a cena da morte de um certo Her Armenius, um herói mencionado por Platão, em cujo corpo viveu antigamente o Rei-Espírito. A sua alma, procurando nova forma corporal, ficou deslumbrada pela visão do país da “Filha da Palavra”, no qual é fácil reconhecer a Polónia mítica. O espírito fica apaixonado pela idéia desse país, e depois de abandonar o corpo do Her nascerá na terra dos eslavos como um filho da vingança dos povos que aqui foram extintos. Chama-se Popiel esse fundador mítico do Estado polonês. Seu objetivo principal – assim como o retrata Slowacki – era imunizar a sua nação contra os sofrimentos que a esperavam no futuro. Para esse fim, Popiel estabelece um sistema em que vai reinar a violência e a crueldade.

A história prossegue no meio da confusão, dos cataclismos e sofrimentos. O Espírito da História pode escolher como seu instrumento os indivíduos ou grupos, usar os meios que do ponto de vista da tradição podem ser inaceitáveis ou até repugnantes.

*Bo ty nie myśl, ze z Anioły
Tylko Boza myśl nadchodzi;
Czasem Bóg ja we krwi rodzi,
Czasem rzuca – przez Mongoly...*

(Tu não penses que apenas com os Anjos
Vem o pensamento divino;
Às vezes Deus o revela no sangue,
Às vezes o joga – com os Mongóis...)

Não é uma maneira de justificar as coisas injustificáveis, mas de defender, apesar de tudo, o sentido da história. Mas não era apenas a história das encarnações passadas do Rei-Espírito que interessava Slowacki. Ele procurava no céu e na terra os sinais da presença atual desse Rei, e os anúncios duma revolução total, de forma talvez antes desconhecida, em que, no meio do vento e trovões, o mundo entraria em uma nova era, e nessa nova era haveria lugar para a Polónia livre. Foi um desejo tão grande que, quem sabe, não era capaz de apressar o Rei-Espírito na sua caminhada para o futuro.

*Juz prawie jestem czlowiek oblakany,
Ciagle powiadam, ze kraj sie juz pali,
I na swiadectwo ciskam ognia zdroje,
A to sie pali tylko serce moje.*

(Já estou quase um homem louco,
Repito, sem parar, que o país está em chamas
E como a prova joga os rios de fogo,
Mas o que arde é apenas o meu coração.)

ADAM MICKIEWICZ

No dia 24 de junho de 1868 Castro Alves terminava de escrever um poema, iniciado alguns anos antes por Adam Mickiewicz. “A mãe do cativo”, de Castro Alves, começa com a transcrição de duas estrofes do poema “A mãe polonesa”, de Mickiewicz, e continua como sua paráfrase. Este foi talvez o primeiro contato entre a poesia brasileira e a polonesa. Logo, um contato entre dois poetas maiores das duas nações. Paráfrase de um poema que fala da situação do homem, cuja pátria sofre o jugo estrangeiro, pode ser a forma de falar da situação do escravo, porque a liberdade é uma só, embora sejam tantas as formas de a reprimir. Se não houvessem outras razões, esta paráfrase já seria a razão suficiente para esboçar na língua do autor de *Espumas flutuantes* o retrato de Adam Mickiewicz.

Adam Mickiewicz nasceu em 1798 em Novogródek, na Lituânia, numa família da pequena nobreza. Seu pai era advogado. Cresceu no meio onde coexistiam as culturas polonesa e bielorrussa, e onde a Igreja Católica Romana se encontrava com a tradição bizantina da Igreja Católica Grega. Ao terminar a escola distrital de Novogródek, começou a estudar ciências e logo depois mudou para literatura, história e filologia clássica na Universidade de Vilna. Embora no seu ensino a Universidade continuasse a tradição clássica da Época das Luzes, no meio estudantil o ambiente já era diferente. Os primeiros poemas de Mickiewicz são bons exemplos da poética clássica, mas, escrita em 1820, “Ode à juventude” ia se tornar o manifesto dos românticos. Mickiewicz era um dos fundadores da Sociedade dos Filomatas, uma organização semiclandestina dos estudantes da Universidade de Vilna. Os filomatas não tinham objetivos políticos, a sua atividade tinha sobretudo caráter científico e literário, mas este tipo de atividade independente não tinha chance de existir num país transformado em província do império do czar. Esta e outras organizações estudantis que existiram na Universidade e outras escolas da Lituânia foram extintas e muitos jovens foram deportados para a Sibéria ou privados do direito ao ensino. Mickiewicz foi preso, já como professor do liceu de Kowno, em novembro de 1823, e passou meio ano no convento dos Basilianos em Vilna, transformado em prisão. Condenado a abandonar Vilna e mudar para a parte central do império, passa cinco anos entre Petersburgo, Moscou e Odessa. Em 1825 fez uma excursão à Criméia, onde escreveu os sonetos, que pelos seus elementos orientais provocaram fortes críticas da parte dos clássicos da época, mas que marcaram um passo importante da poesia romântica e poesia polonesa em geral. Como politicamente suspeito, Mickiewicz foi proibido de lecionar. Estabeleceu no entanto boas relações com a elite intelectual de Moscou e Petersburgo. Conseguindo, com ajuda dos amigos, o passaporte, em maio de 1829, saiu da Rússia para nunca mais voltar.

Quando em 1830 começou o levante na Polónia, Mickiewicz encontrava-se em

Roma, mas por razões até hoje desconhecidas adia sua viagem para se juntar com os insurgentes, e só quando o levante estava no fim, atravessou a fronteira para ficar alguns meses na casa dos amigos em Wielkopolska, parte central da Polônia, nessa altura sob domínio prussiano. Em 1832 chegou a Paris. No caminho, em Dresden, escreveu *Dziady* (Antepassados), parte III, um dos maiores dramas do teatro polonês. Em Paris passou o resto da sua vida, com alguns intervalos, como por exemplo em 1839-40, quando lecionava Literatura Latina na Universidade de Lousanne. Depois de se casar, em 1834, Mickiewicz teve que enfrentar sérios problemas materiais para poder sustentar a família (tinha seis filhos). Não pertenceu a nenhuma organização política da emigração polonesa, fazendo apenas parte das associações literárias e científicas, mas a influência que exerceram os seus escritos era enorme, tanto entre os emigrantes quanto na Polónia, onde eram contrabandeados. Era de fato um dirigente espiritual da nação que foi privada do seu estado e até hoje os poloneses o consideram seu profeta nacional.

Escrito em 1834, o poema épico *Pan Tadeusz* (Senhor Tadeu), que logo se tornou epopéia nacional, é um largo panorama da vida da nobreza polonesa na Lituânia, uma descrição do mundo condenado a desaparecer. Para Mickiewicz, *Pan Tadeusz* foi também uma viagem ao “país dos anos da infância” e ao tempo da esperança que Napoleão despertou nos poloneses em 1812.

O curso das Literaturas Eslavas, que Mickiewicz dava no College de France, em Paris, em 1840-1844, até agora é considerado uma das mais completas interpretações dessas literaturas. Falando sobre história e literatura da Polónia, da Rússia e dos outros países eslavos, sobre o conflito russo-polonês e sobre a missão histórica dos eslavos, Mickiewicz analisava também a situação atual da Europa, num estilo frequentemente profético e messiânico. A exaltação da tradição revolucionária e napoleônica francesa custou-lhe a demissão da função de professor. Aproveitava também Mickiewicz seu curso para divulgar as idéias messiânicas de Andrzej Towiański. Mickiewicz conheceu este “profeta” em 1841 e tornou-se seu zeloso seguidor, o que, devido à mediocridade, ao sectarismo e ao comportamento político duvidoso de Towiański, não é fácil de entender. Em 1846, no entanto, Mickiewicz separou-se do grupo do mestre Towiański.

O período de maior atividade política de Mickiewicz foi o tempo da Primavera dos



Adam Mickiewicz (1798-1855)

ALPUJARRA

Adam Mickiewicz/Tradução de MACHADO DE ASSIS

JAZ EM RUÍNAS o torrão dos mouros;
Pesados ferros o infiel arrasta;
Inda resiste a intrépida Granada:
Mas em Granada a peste assola os povos.

Cum punhado de heróis sustenta a luta
Fero Almansor nas torres de Alpujarra;
Flutua perto a hispânica bandeira;
Há de o sol d'amanhã guiar o assalto.

Deu sinal, ao romper do dia, o bronze;
Arrasam-se trincheiras e muralhas;
No alto dos minaretes erguem-se as cruzes;
Do Castelhana a cidadela é presa.

Só, e vendo as coortes destroçadas,
O valente Almansor após a luta
Abre caminho entre as imigas lanças,
Foge e ilude os cristãos que o perseguiam.

Sobre as quentes ruínas do castelo,
Entre corpos e restos da batalha,
Dá um banquete o Castelhana, e as presas
E os despojos pelos seus reparte.

Eis que o guarda da porta fala aos chefes:
“Um cavaleiro, diz, de terra estranha
Quer falar-vos; – notícias importantes
Declara que vos traz, e urgência pede”.

Era Almansor, o emir dos Muçulmanos,
Que, fugindo ao refúgio que buscara,
Vem entregar-se às mãos do Castelhana,
A quem só pede conservar a vida.

“Castelhanos, exclama, o emir vencido
No limiar do vencedor se prostra;
Vem professar a vossa fé e culto
E crer no verbo dos profetas vossos”.

“Espalhe a fama pela terra toda
Que um árabe, que um chefe de valentes,
Irmão dos vencedores quis tornar-se,
E vassalo ficar de estranho cetro!”

Cala no ânimo nobre ao Castelhana
Um ato nobre... O chefe comovido,
Corre a abraçá-lo, e à sua vez os outros
Fazem o mesmo ao novo companheiro.

Às saudações responde o emir valente
Com saudações. Em cordial abraço
Aperta ao seio o comovido chefe,
Toma-lhe as mãos e pende-lhe dos lábios.

Súbito cai, sem forças, nos joelhos;
Arranca do turbante, e com mão trêmula
O enrola aos pés do chefe admirado,
E junto dele arrasta-se por terra.

Os olhos volve em torno e assombra a todos:
Tinha azuladas, lívidas as faces,
Torcidos lábios por feroz sorriso.
Injetados de sangue ávidos olhos.

“Desfigurado e pálido me vedes,
Ó infiéis! Sabeis o que vos trago?
Enganei-vos: eu volto de Granada,
E a peste fulminante aqui vos trouxe”.

Ria-se ainda – morto já – e ainda
Abertos tinha as pálpebras e os lábios;
Um sorriso infernal de escárnio impresso
Deixara a morte nas feições do morto.

Da medonha cidade os castelhanos
Fogem. A peste os segue. Antes que a custo
Deixado houvessem de Alpujarra a serra,
Sucumbiram os últimos soldados.

Povos de 1848, quando ele organizou na Itália uma legião polonesa com a finalidade de lutar para a libertação da Polónia. A partir de maio de 1849 dirige um jornal francês, *La Tribune des Peuples*, defendendo os ideais de liberdade e solidariedade dos povos.

Quando começou a guerra da Criméia, uma guerra entre a Turquia e a Rússia, Mickiewicz achou que nessa luta não podiam faltar os poloneses. Em 1855 foi para o Oriente com a intenção de criar as divisões que lutassem junto com a Turquia contra o inimigo comum. Morreu em Constantinopla em 26 de novembro de 1855. Em 1890 seus restos mortais foram trasladados do cemitério Montmorency, em Paris, para a Catedral Real em Cracóvia.

A edição do primeiro livro de Adam Mickiewicz, *Ballady i romanse*, em 1822, é considerada o início do romantismo polonês. Nos poemas épicos que constituem esse volume, aconteceu um evento revolucionário: na construção do poema a função ordenadora pertence à consciência, sensibilidade e religiosidade do povo. O narrador sabe bem a *Arte poética* de Horácio, não rejeita a tradição, mas permite que a fonte descoberta na cultura do povo possa revitalizar a forma poética e aproximá-la também do lado misterioso da vida. Na cultura popular Mickiewicz encontrou a confirmação da insuficiência da razão no processo do conhecimento. O ceticismo epistemológico (ao qual contribuíram bastante as leituras e traduções de Voltaire do jovem Mickiewicz) aproximava-o às regiões do senso comum, que considerava o melhor campo de partida rumo à verdade. Em Mickiewicz, assim como em nenhum outro escritor polonês, encontram-se a erudição e simplicidade, a sabedoria dos livros e dos iletrados.

O fato da criatividade poética de Mickiewicz terminar 15 anos antes da sua morte, é um dos enigmas na história da literatura polonesa. Poeta, que tinha ambições de governar as almas e que discutia com o próprio Deus o destino da sua pátria, tinha consciência não só da força da palavra, mas também dos seus limites. E daí talvez a razão da “ação” substituir cada vez mais a “palavra”.

A época da ação na vida de Mickiewicz coincide com uma fase mística. Era um misticismo revoltado e impaciente, que não sabia conciliar na oração uma fé ardente com o desejo de transformar o mundo. O misticismo de Mickiewicz manifestava-se pela ação intervindo na história para unir o que ficou separado, quer dizer, os princípios cristãos e a prática social e política, o

espírito e a civilização, o lado do coração e o lado da razão. Esta fase da vida de Mickiewicz foi marcada pela personalidade forte de Andrzej Towiański, fundador de uma seita no estilo das lojas místicas do século XVIII. Mickiewicz reconheceu em Towiański seu mestre espiritual e tornou-se um membro ativo do seu grupo, mas o ambiente de terror espiritual levou o poeta ao conflito com o mestre e ao rompimento com o grupo.

O curso das Literaturas Eslavas no College de France, a organização de uma Legião Polonesa na Itália e a redação de *La Tribune des Peuples* – eis as principais atividades de Mickiewicz-místico.

No College de France Mickiewicz falava sobre a história e cultura dos eslavos como professor e como profeta. A apresentação da história e da herança cultural fazia parte de um esforço maior: de decifrar aquele sentido do passado que já contém o anúncio do futuro, e não só revelar a missão que há para cumprir, mas começar a cumpri-la já na própria revelação.

O curso durou quatro anos e as idéias defendidas no início nem sempre eram as mesmas que as lançadas no fim. O raciocínio em categorias políticas, da primeira metade do curso, nos dois últimos anos foi substituído por um misticismo revolucionário, em que “o homem espiritual” era uma categoria central.

Na primeira parte do curso a visão dos eslavos é formada sobretudo pela oposição entre “o espírito da ordem antiga”, representado pela Rússia czarista, e a Polónia que representa o futuro, ou seja, a oposição entre o despotismo russo e a liberdade polonesa. Os fatos históricos apresentados confirmavam um antagonismo interior na família eslava e Mickiewicz rejeitava as teorias da unidade em que se baseavam as ideologias do panslavismo: “Nunca houve unidade entre os eslavos, eles sempre foram divididos”. Mas, a partir do segundo ano do curso, Mickiewicz abandona essa visão dicotômica dos eslavos e começa a procurar as bases da unidade.

O que permite uma união permanente entre o mundo da metafísica divina e o da realidade terrena é o logos, o verbo encarnado, a sabedoria de Deus no homem. Para Mickiewicz o verbo (logos) era a origem etimológica da palavra “eslavo”, e era também o conceito que definia o papel que os eslavos têm para cumprir no mundo. Nas línguas eslavas a palavra “eslavo” associa-se com “verbo” e “palavra” ao mesmo tempo (em polonês: *Slowianie*=eslavos; *slowo*=palavra, verbo). Chamam-se eslavos – diz Mickiewicz – porque sempre foram sensíveis ao verbo divino e são capazes de entender e receber a Revelação que o “novo messias” trará ao mundo (“A Providência preparou os eslavos para receberem o novo espírito”). Aos eslavos pertence o papel principal no processo da criação da nova sociedade e do renascimento da humanidade, porque são eles “que não entregaram seu espírito aos trabalhos da razão e da indústria, conservando os sentimentos religiosos limpos e profundos”. Assim, o que podia parecer uma barbárie ou um atraso civilizacional representava uma fonte principal da identidade do homem e confirmação da sua vocação sobrenatural.

Perante a grandeza da sua missão, os conflitos que separam os eslavos têm que parecer ridículos. Nesse caso o messianismo cumpre uma função terapêutica. Mas o objetivo de Mickiewicz não era apenas curar as feridas ou consolar os que ficaram atrás na corrida da civilização. A intenção de Mickiewicz era fazer perguntas acerca dos fins dessa civilização e procurar as respostas lá onde ainda palpitam as suas fontes.

Logo depois das notícias sobre as revoltas antiaustríacas na Itália chegarem a Paris, no início de 1848, Mickiewicz foi para Roma. O império dos Habsburgos, além de ocupar a Lombardia e Veneza, estava bloqueando todas as tentativas de unificação da Itália, dividida em dez pequenos estados. A guerra era mais que provável. Até havia expectativas que o próprio papa Pio IX, eleito pelos adversários da Áustria, aceitaria a chefia nessa luta pela liberdade. Mas logo se verificou que nenhuma pressão da opinião pública poderia obrigar o papa a fazer uma guerra contra uma poderosa monarquia católica. Foi o rei da Sardenha, Carlos Alberto, que ficou na frente dessa luta, conduzindo-a, no entanto, de uma forma tão inábil, que a grande mobilização do ano de 1848 não conseguiu levar os italianos à vitória. Por essa mesma razão os esforços de Mickiewicz não podiam também trazer os resultados desejados. Mickiewicz quis também conseguir a bênção do papa, mas a forma em que se apresentou a Pio IX não contribuiu para ganhar a simpatia do pontífice. “Explicava ao Santo Padre – escreve uma testemunha dessa audiência – que chegou a nova época, a Época do Espírito Santo, advertindo-o para que cumpra o seu dever. Mencionou a Polónia e, finalmente, agarrando o papa pela mão, agitou-a gritando: ‘Saiba que o Espírito de Deus encontra-se hoje grudado no povo de Paris!’ ”.

Uma das conseqüências dessa audiência foram os documentos assinados por Pio IX em 15 de abril de 1848 (*L'Eglise officiele et le Messianisme* e *L'Eglise officiele et le Messia*), que colocavam as terceira e quarta partes do curso de Mickiewicz no *College de France* no índice das obras proibidas pela Igreja.

A sua visão da Polônia futura Mickiewicz apresentou em 15 princípios (*Sklad zasad*), escritos para os soldados da legião que ele próprio estava criando na Itália. É um dos textos pioneiros na história do pensamento democrático polonês. Poderia ser também um esboço da constituição de um estado cristão utópico. Para poder ser construída a nova sociedade era necessário, segundo Mickiewicz, eliminar todas as formas de discriminação existentes, principalmente a discriminação social dos camponeses, a discriminação nacional dos judeus e a opressão da mulher. Essa visão da sociedade dos homens livres e iguais perante a lei complicou ainda mais a situação de Mickiewicz no meio polonês em Roma. Até Cyprian Norwid se manifestou contra e chamou Mickiewicz de “um radical-místico”.

Apesar da oposição dos padres e aristocratas, democratas e “irmãos” do grupo de Towiański, sem dinheiro e sem consentimento da maioria dos emigrantes, Mickiewicz fez a sua legião. Eram 11 homens que, no dia 10 de abril de 1848, seguiram para o norte. Não chegaram à Polônia, nem deram origem a uma formação militar maior, mas o seu caminho até Medialão foi uma marcha triunfal. Falando às massas nas ruas de Livorno, Parma, Lodi e outras cidades italianas, Mickiewicz despertava o entusiasmo pela idéia da luta solidária em nome da liberdade dos povos.

Os mesmos ideais Mickiewicz vai defender em *La Tribune des Peuples*, um jornal que fundou em Paris com dinheiro de um aristocrata polonês que se tornou um capitalista francês. Entre os colaboradores havia franceses, italianos, russos – os adeptos de Fourier, Proudhon, Bakunin, Mazzini – e um alemão, Ewerbeck, o amigo pessoal de Marx e Engels. As idéias do universalismo revolucionário (chamado depois de “internacionalismo”), da fraternidade dos povos como a base da liberdade das nações – constituíram o “credo” desse jornal. Desse ponto de vista era inaceitável o princípio de não-intervenção do estado francês, assim como outras formas do egoísmo político e social. A liberdade – segundo Mickiewicz – é indivisível e por isso os tiros que a atingem em qualquer parte do mundo, atingem-na também em Paris.

Mickiewicz é considerado um dos precursores do pensamento socialista polonês, devido, sobretudo, aos seus artigos na *La Tribune des Peuples*. O socialismo não era para Mickiewicz apenas teoria econômica, mas um pensamento baseado sobretudo em “sentimentos religiosos e patrióticos”. Não era nenhuma doutrina, mas uma atitude perante a vida, uma atitude sensível àquilo que é “incompleto, aleijado, anormal, ou seja, infeliz”. Mas ao mesmo tempo Mickiewicz não suportava o sentimentalismo dos assim chamados “socialistas religiosos” e exigia uma ação concreta para mudar a face da terra. Admitia os meios radicais, usava o termo “revolução” não apenas como um conceito místico. Fascinava-o Napoleão, que antes de trair o povo (o que Mickiewicz considerava a causa principal da sua queda) deu um grande exemplo de ação revolucionária.

Apesar do seu “radicalismo místico” Mickiewicz não era um apologista fanático da revolução, pois tinha também consciência das suas antinomias: admitia a necessidade da destruição criadora, mas sabia que a ordem é o essencial da vida; temia que a deposição das leis pudesse criar o desrespeito à lei e a ação revolucionária sacrificar o indivíduo.

Em *Livros da nação polonesa e da peregrinação polonesa* (1832), que se tornaram um catecismo da emigração polonesa, Mickiewicz reza pela “guerra geral pela liberdade dos povos”, porque não lhe parecia haver outra possibilidade de os povos subjulgados da Europa se libertarem. A guerra entre a Rússia e Turquia, a chamada Guerra da Criméia (1853-1855), trouxe novas esperanças, e parecia que, agora, o caminho para Varsóvia fosse passar por Constantinopla. Esperava-se, também, que tivesse chegado a hora da libertação dos eslavos do sul que, lutando ao lado dos turcos, ganhassem a sua liberdade. Tornou-se famoso o regimento da cavalaria dos eslavos que, sob o comando de Sadik Pascha, fazia parte do exército turco. Sadik Pascha, uma figura lendária, era um escritor polonês, Michal Czajkowski, que em 1850 abraçou o islão e começou carreira militar no exército turco. Na opinião da maioria dos poloneses ele era um renegado e traidor, mas para Mickiewicz era um verdadeiro homem de ação e criador de uma oportunidade na luta pela independência da Polônia e dos outros povos eslavos. Mas a paz com a Rússia pôs fim a essas esperanças. Para Mickiewicz, no entanto, não era esse o fim da Guerra da Criméia. Morreu antes, de cólera, quando visitava um acampamento militar perto de Constantinopla.